

O DISCURSO SOBRE A LÍNGUA NO ENEM: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE CONTROLE/REGULAGEM DA HETEROGENEIDADE

Anderson Lins Rodrigues¹
Louise Medeiros Pereira²

O acontecimento de uma política de Educação do Estado brasileiro, cuja irrupção se deu na última década do século XX, demarca a ação do Estado em questões de educação e de língua, aludindo intensamente à Linguística como teoria necessária para a modernização do Estado e da sociedade (SILVA, 2007). Em consequência disso, suscitaram-se várias mudanças no ensino de Língua Portuguesa, que passou a intentar uma nova relação dos falantes com a sua língua, através da relação entre unidade-diversidade linguística, buscando adequar-se às novas exigências do capitalismo mundial e das sociedades organizadas pela tecnologia e pela informação. O ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio - surge na década de 1990 em meio a esse contexto de mudanças sócio-políticas, que atribuíram peso significativo à educação como instrumento de qualificação profissional. Nesse sentido, é possível perceber neste exame um resultado da “(re)adequação” de um país cada vez mais urbanizado a imperativos do cenário mundial globalizado que, entre outras coisas, exigia uma sociedade organizada em torno da informação e da tecnologia e que, dessa forma, pudesse enfrentar - por meio da universalização da educação - o analfabetismo, a gritante desigualdade social e o desemprego.

Levando em consideração que este exame surge como ferramenta veiculadora de sentidos e de representações, uma vez que mobiliza aproximadamente seis milhões de participantes e, possivelmente, influencia a prática pedagógica de muitos professores, objetivamos investigar, à luz da Análise

¹ Mestre em Linguagem e Ensino (UFCG). E-mail: anderson_lins10@hotmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB).

de Discurso de linha francesa, de que maneira se constitui o discurso da/sobre a língua em questões de língua portuguesa do ENEM. Interessa-nos, sobretudo, o tema da *heterogeneidade linguística*, na medida em que entendemos que é possível estabelecer relações entre essa questão e a formulação de políticas estatais sobre o ensino e a avaliação de língua.

Em face ao exposto, estabelecemos como questão de pesquisa desse trabalho: *Que estratégias discursivas de controle/regulagem da língua e de sua heterogeneidade sustentam o funcionamento polêmico do discurso sobre a Língua Portuguesa no ENEM?* Na tentativa de responder à questão acima, tomamos como unidades de análise questões de Língua Portuguesa das edições 2009 e 2010 do ENEM que problematizam a relação entre língua e heterogeneidade linguística. Para efeitos de demonstração, trazemos uma questão de cada edição mencionada que, a nosso ver, sintetizam os aspectos analisados e as conclusões a que chegamos por meio da análise realizada. Antes de demonstrarmos a análise empreendida, porém, ressaltamos o ponto de vista teórico-analítico ao qual nos ancoramos.

ANÁLISE DO DISCURSO (AD) E REFLEXÕES ANALÍTICAS SOBRE COMO DIZER A LÍNGUA

Entendida enquanto espaço heterogêneo e diverso, a língua é sujeita a falhas, tem fissuras, é clivada, cindida e, portanto, inapreensível em sua totalidade, indomesticável. É fluida. Essa representação disputa espaço com a perspectiva unitária, que reforça o imaginário de uma língua indivisa, pura, sem reflexos da sociedade. A língua código, normatizada, disciplinada e regulamentadora. Imaginária. Essas “duas línguas” mobilizam conceitos que a elas se relacionam: uma é do nível da *organização*, da codificação; a outra é do nível da *ordem*, do real heterogêneo que a constitui e, por isso, é sujeita a falhas e exposta ao equívoco. Orlandi (2005, p. 47) sinaliza para uma melhor distinção entre a organização e a ordem da língua, quando considera que, relacionada à *organização*, estão sentidos de regra, sistematicidade, linearidade; ao passo que a *ordem* está no nível da falha e do funcionamento, que só podem ser observados se levarmos em conta que a história ultrapassa os limites da sistematicidade linguística. “Ultrapassando desse

modo a organização (regra e sistematicidade), podemos chegar à ordem (funcionamento, falha) da língua e da história (equivoco, interpretação)”.

O campo das evidências e da transparência é próprio do *imaginário* da língua. Esse imaginário é atravessado pelo funcionamento da ideologia, que, a seu turno, representa a língua como se fosse linear e transparente. Esse discurso, tão repetido e sedimentado, nos é apresentado como a “verdade” sobre a língua: um conjunto de regras que deve ser manuseada com o objetivo de manter a perfeição e a homogeneidade que supostamente a caracterizam. A teoria do discurso permite o deslocamento da língua-sistema de signos para a língua materialidade do discurso – base comum para diferentes processos discursivos e, por isso, eminentemente opaca. Nessa perspectiva, o exterior lhe é constitutivo, ainda que não se possa dizer tudo por meio dela.

Problematizar a relação tensa entre o desejo de unicidade e a heterogeneidade constitutiva nos permite entender o *impossível de dizer* que reside na língua, ainda que tantos outros discursos postulem o lugar da unidade como determinante desse objeto. Pelo exposto, é possível perceber que há, na AD, a proposta de relacionar língua e história no funcionamento do discurso. Para essa disciplina, a língua é heterogênea, sujeita a falhas, lugar do impossível e da incompletude, onde a história ressoa significativamente. Só por meio dessa relação – língua-história – se produz sentidos.

UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE CONTROLE/REGULAGEM DA HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA NO ENEM

No movimento de descrição e interpretação do modo de constituição do discurso da/sobre a língua em questões de língua portuguesa do ENEM, serão analisadas, a título de demonstração, duas questões - selecionadas de um corpus mais abrangente. Assim, iniciamos pela questão 04 (ENEM 2009/prova cancelada (PC)), que, de alguma forma, tenta viabilizar relações entre língua(gem), usos, sujeito e sociedade, conforme demonstramos abaixo.

Questão 4

*Iscute o que tô dizendo,
 Seu dotô, seu coroné:
 De fome tão padecendo
 Meus fio e minha muié.
 Sem briga, questão nem guerra,
 Meça desta grande terra
 Umas tarefa pra eu!
 Tenha pena do agregado
 Não me dêxe deserdado*

PATATIVA DO ASSARÉ. A terra é naturá. In: *Cordéis e outros poemas*.
 Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008 (fragmento).

A partir da análise da linguagem utilizada no poema, infere-se que o eu lírico revela-se como falante de uma variedade linguística específica. Esse falante, em seu grupo social, é identificado como um falante

- (A) escolarizado proveniente de uma metrópole.
- (B) sertanejo morador de uma área rural.
- (C) idoso que habita uma comunidade urbana.
- (D) escolarizado que habita uma comunidade do interior do país.
- (E) estrangeiro que imigrou para uma comunidade do sul do país.

Questão 04 - ENEM 2009/Prova Cancelada

O texto motivador desta questão, por se tratar de um trecho de literatura de cordel, abre possibilidades para mobilizar sentidos da língua a finalidades artístico-expressivas e, com isso, alargar os horizontes conceituais acerca da língua e dos seus usos. O texto, portanto, pode(ria) sinalizar para a perspectiva da heterogeneidade. No próprio enunciado da questão, há um direcionamento do olhar do leitor para que tenha condições de especificar quem é esse falante (eu-lírico), como pode ser demarcado, identificado – via língua(gem) - em meio a outros. Para tanto, o texto oferece marcas linguísticas que ajudariam a determinar que categorização pode ser atribuída a esse falante de uma variedade linguística *específica*. Essas pistas linguísticas são termos que representam ou se aproximam da maneira como algumas expressões ou palavras são faladas, tais como: “Iscute”, “tô”, “dotô”, “coroné”, “fio”, “muié”. Ou seja, há aqui uma reprodução, via escrita, da fala. A relação oralidade/escrita é, pois, representada na questão em análise.

Ainda na materialidade do enunciado da questão, as expressões “*falante de uma variedade linguística específica*”; “*esse falante, em seu grupo social*” configuram pistas linguístico-discursivas que se filiam a sentidos heterogêneos de língua observáveis no discurso de teorias sociointeracionistas sobre esse objeto. No entanto, notamos que o sujeito elaborador da questão, ao tentar estruturar o enunciado em torno das concepções de língua/usos/sujeito/sociedade, atua a partir de uma política de fechamento dos sentidos da/para a língua. Na medida em que atrela os possíveis usos linguísticos (*variedade linguística específica*) a falantes específicos, pertencentes a determinados grupos sociais, há um efeito de homogeneidade atravessando o discurso da “variação” linguística (heterogeneidade)

e, com isso, atuando na “formulação” de sentidos que compartimentalizam e codificam a língua.


Notamos, então, um jogo entre sentidos heterogêneos/homogêneos constituindo o discurso de uma língua imaginária – engessada a formas e a falantes específicos. No caso, um “*sertanejo morador de uma área rural*” – possivelmente isolado e sem acesso à escolarização - seria o sujeito que teria condições de se expressar com incorreções e inobservâncias dos postulados “corretos” da língua(gem) (?) – não seriam os postulados da gramática tradicional (?). O percurso discursivo dessa questão movimentava gestos de interpretação que associam ou tratam como sinônimos língua(gem) e “escrita”/convenções ortográficas e léxico-gramaticais. A língua(gem), então, estaria restrita ao espaço de conceituações previstas/homologadas na/pela gramática tradicional.

Ainda sobre essa questão, observamos que pode(ria), como dissemos, mobilizar efeitos de sentidos de uma língua heterogênea, uma vez que se alicerça na complexidade que envolve a relação língua(gem)/usos/sujeitos – relação “esboçada” no/pelo enunciado. Contudo, os sentidos resvalaram para efeitos de exclusão, oposição e homogeneização. Essa observação nos leva, inclusive, a entrever possibilidades de estabelecer relações de sentidos entre o imaginário tradicional de língua a preconceitos linguísticos. O alcance da *Língua* correta, pura, livre de deturpações, conforme discursiviza a perspectiva da homogeneidade linguística, apenas seria possível àqueles que não são sertanejos, que não moram em uma área rural e não se enquadram na situação do eu-lírico. Esses efeitos de evidência são sustentados à medida que o discurso tradicional atua na produção de um real natural-social-homogêneo, que, entre outras coisas, sustentam condições para o funcionamento de formações imaginárias que tentam controlar/regular o real da língua – objeto por excelência incompleto, inatingível, inapreensível, fluido. (ORLANDI, 1998).

Em busca de regularidades discursivas, procedemos, agora, uma análise de outra questão que tematiza a relação entre língua/usos formais-informais/adequação. Trata-se da questão 96 (ENEM 2010/caderno azul). Inicialmente, observamos que o gênero textual em torno do qual é estruturada a

questão é uma *charge* que ironiza a exploração dos recursos ambientais. Nesse texto, lemos o diálogo entre avô e neto que visitam um museu arqueológico (ano de 2059), que guarda uma relíquia: uma árvore – peça desconhecida, até então, pela criança.

Questão 96



BESSINHA. Disponível em: http://pattindica.files.wordpress.com/2009/06/bessinha458904-jpg-image_1245119001858.jpeg (adaptado).

As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la às variadas situações de comunicação. Uma das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto neste texto é

- a opção pelo emprego da forma verbal “era” em lugar de “foi”.
- a ausência de artigo antes da palavra “árvore”.
- o emprego da redução “tá” em lugar da forma verbal “está”.
- o uso da contração “desse” em lugar da expressão “de esse”.
- a utilização do pronome “que” em início de frase exclamativa.

Questão 96 - ENEM 2010 (caderno azul)

O texto situa muito bem o leitor acerca do lugar e dos sujeitos sociais que interagem por meio da língua(gem). Esses elementos linguísticos e extralinguísticos que atuam na “composição” do gênero charge são importantes para a redação do enunciado, uma vez que expressões como “*esferas sociais de uso da língua*”, “*variadas situações de comunicação*”, “*linguagem oral informal*” podem ser melhor compreendidas pelo leitor quando relacionadas com as informações não linguísticas que caracterizam esse gênero. Essas expressões integram o enunciado que, em nosso entendimento, se estrutura em dois “momentos”: no primeiro, verificamos que se trata de uma *sequência declaratória*, cujo objetivo pode ser o de contextualizar um conteúdo, um saber a ser aprendido, legitimado. O saber em questão, no caso, diz respeito à “variação” linguística, mediante a observação de que “*As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la às variadas situações de comunicação*”.

Após a veiculação desse saber, é solicitado ao leitor, no segundo “momento” do enunciado, o *reconhecimento* de uma “*das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto...*”. Essas observações nos sugerem que há, aqui, uma relação entre avaliar/ensinar/aprender, haja vista que a questão não só avalia, mas também ensina um saber que se estrutura em torno da

problematização acerca da “variação” linguística (heterogeneidade). Ao que nos parece, o ENEM didatiza um saber para, em seguida, avaliá-lo. Com isso, vemos sentidos se movendo no entorno dos objetivos do exame instituído pelo Estado, que, através do ENEM, “reconhece” a importância desse saber que, se por ventura, não tenha sido ensinado ao longo da educação básica, o é nesse momento de “avaliação”.

Para chegarmos a essas reflexões que incidem sobre possíveis gestos de interpretação da/sobre a heterogeneidade discursivizados no/pelo ENEM, observamos, entre outras coisas, a constituição discursiva da questão em análise e chamamos a atenção para o fato de que identificamos um discurso que concebe a possibilidade de haver um registro oral *formal*, uma vez que, no enunciado, é mencionada uma modalidade de “linguagem oral *informal*”. Se esta modalidade foi caracterizada pela informalidade é porque, pressupomos, há também, mesmo que não-dito, registros orais formais. Ao contextualizar e avaliar conhecimentos linguísticos partindo da relação oralidade/(in)formalidade, verificamos a presença de sentidos de uma língua heterogênea observáveis em teorias sociointeracionistas. Ao trazer à cena do discurso expressões como “esferas sociais”, “uso da língua”, notamos, pois, uma filiação de sentidos ao discurso da teoria bakhtiniana. Estas marcas linguísticas nos possibilitam afirmar que há, na questão, indícios de saberes teóricos atuando na formulação desse espaço de significação da língua.

Dessa forma, percebemos, mais especificamente, que estão presentes efeitos de sentidos que nos remetem à ideia de *auditório social* defendida por Bakhtin(1993). De acordo com essa perspectiva, qualquer enunciação é condicionada pela situação social imediata em que ela se concretiza. Confirma nossa análise, o fato de, na alternativa “correta”, incidirem sentidos que propõem uma consideração da língua(gem) em funcionamento, a partir de um uso real – social e historicamente situada – em que “o emprego da redução ‘tá’ em lugar da forma verbal ‘está’” sinaliza para o fato de que “falamos” para um interlocutor específico e, por isso, há uma influência recíproca e dinâmica entre língua/ usos/ interactantes que enunciam. Com isso, analisamos que a questão revela uma contextualização sociodiscursiva e um(a) enunciado/alternativa “correta” que demonstram o funcionamento de sentidos heterogêneos da/para a língua, haja vista

que discursiviza a linguagem como fenômeno atrelado a esferas sociais de uso da língua, passível a variações e que mantém relação com os sentidos que se constroem entre interlocutores/indivíduos.

PARA EFEITOS DE CONCLUSÃO...

Esse texto buscou investigar de que maneira se constitui o discurso da/sobre a língua em questões de língua portuguesa do ENEM. Nas questões analisadas, vimos que os espaços de significação discursivizam a heterogeneidade da língua, considerando a relação entre língua/usos/sujeitos/adequação e, com isso, notamos uma filiação de sentidos à ideologia que professa uma língua heterogênea. No entanto, constatamos que alguns discursos são revestidos de um espectro de heterogeneidade, mas, ao mesmo tempo, tentam controlar/regular esse fenômeno, quando instauram categorizações para que essa heterogeneidade seja possível. Ou seja, ainda que a heterogeneidade linguística seja considerada e pretendida, o é a partir de *formas imaginárias* que tentam regular/determinar os limites e contornos de uma língua que *pode* ser heterogênea.

REFERÊNCIAS

- _____. *ENEM: fundamentação teórico-metodológica*. Brasília: MEC/INEP, 2005.
- _____. *Matriz de Referência para o Enem 2009: linguagem, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2009.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- ORLANDI, Eni P. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni P (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- _____. *Política linguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- SILVA, M. V. da. A escolarização da língua nacional. In: ORLANDI, E. P. (org.) *Política linguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2007.